

PRODUTOR: Emissora Nacional ☒

RDP ☐

Nº. de referência: 1

Título: "AUTO DO BURANDEIRO"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): ALEIXO, ANTÓNIO

Adaptador: VIANA, JOSÉ

Realizador: LEITÃO, RUI

Locutor: 2

Data de produção: 23/4/1975

Data de Emissão: 28/4/1975

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
JOSÉ VIANA	BURANDEIRO
LEONIDAS MENDES	VELHA
DAVID SILVA	PAI AGRADECIDO
CARLOS JUD	DOENTE
ADELAIDE JOÃO	1ª VIZINHA
MARIA ALBERGARIA	2ª "
DALILA ROCHA	3ª "
CANTO E CASTRO	MÉDICO
FERNANDO OLIVEIRA	IRMÃO DO DOENTE

Estado de conservação: Bom ☐

Razoável ☒

Mau ☐

Tipo de Suporte:

Original ☒

Cópia ☐

Registo Sonoro: Sim ☐

Não ☒

Nº do Registo Sonoro:

Opéis

(V.S.F.F.)

⇒

Notas:

- DIR ARTÍSTICA - JOSÉ VIANA

Indexação: - TEATRO RADIFÓNICO

1
A Emissora Nacional apresenta ;
na sua rubrica Mini - Teatro
"Auto do Curandeiro"

de António Aleixo ~~ed~~

numa adaptação radiofónica ^{de J. Vianna} que descreve
parte da acção...

...mas respeita integralmente o diálogo em
Verso que o poeta escreveu.

Na casa pobre e ordinária onde o curandeiro vive
a sua vida iludida, vamos ouvir o que diz enquanto
remexe os lucros e lêita ~~contas~~ à vida...

o próprio Deus aparece

(2)

Depois da velha sair com a esperança a que se arrima, o curandeiro ardiloso, ainda faz pouco, por cima...

Quanto ganha este dr.

As oferendas, na dispensa, vai o curandeiro guardar, quando à soleira da porta, surge um Pai agradecido, carregadinho de embrulhos, que pergunta:

isto também foi estudado

à porta do curandeiro surge agora um rapazote hesitante e tímido. Ele é, da ingenuidade, como que um vivo retrato:

Eu não posso mais, sacem!

3

Como o caso deu p'ró torto e o assunto pega fogo o curandeiro assustado, dá às de Vila Diogo... foge e ninguém mais o vê. Mas é tal o alarido do palerma do rapaz que a vizinhança, alarmada, vem saber o que se passa:

Vai já chamar o dr.

Sai a vizinha a fazer o que era devido e certo, vai enfim chamar o médico que, por sinal, mora perto.

faz a sopa e passa a noite

Já está de volta a vizinha e traz consigo o doutor;

(4)

Creia que mal não lhe faz

No braço do parvalhão, o doutor com paciência aplica uma infecção!

lá de mal a pior

É neste preciso instante que entra o imundo do doente e as vizinhas nocivas lá saem, furivamente...

• auriam uma adaptação radiofônica de "auto do cunhado"
do poeta popular algarvio
de Antão Aleixo

foram intérpretes

~~Realizada Técnica~~

Realizada Técnica de:

• Direção artística de — José Viana

PROGRAMA _____	PROGRAMA _____
DATA DE ENTREGA ____/____/____	ESPECIE DE ____/____/____
PELLO DE GRAVAÇÃO	____-____HORAS
A GRAVAR EM ____/____/____	VISTO
HORA _____	
NÚMERO DO PEDIDO DE GRAVAÇÃO	
AUTO DO CURANDEIRO	

PERSONAGENS

- CURANDEIRO** - Homem de meia idade, que se esforça por andar levemente curvado e vestindo fato de cor escura.
- VELHA** - Mulher do povo, vestindo com certo conforto e adornada com vários objectos de ouro.
- PAI AGRADECIDO** - Homem de meia idade, de aparência robusta e vestindo como camponês abastado.
- DOENTE** - Um jovem mais ou menos tímido e muito embaraçado.
- 1ª. VIZINHA** - Mulheres do povo, vestindo aventais que utilizam para limpar e esconder as mãos com certa frequência, e mais ou menos despenteadas. Calçam chinelas ou sapatos já muito velhos.
- 2ª. VIZINHA**
- 3ª. VIZINHA**
- MÉDICO** - Homem alto, de óculos. Tipo médico da província, paciente e amigo.
- IRMÃO DO DOENTE** - Rapaz de vinte e cinco a trinta anos com ar inteligente e expressão sádica.

Cena: Uma sala pobre de estilo camponês, com três ou quatro cadeiras ordinárias, uma cómoda com uma imagem de Cristo e ainda um ou dois baús.

CORANDEIRO

(Falando sózinho enquanto remexe nuns sacos e desfaz embrulhos)

Minha querida profissão!
Tira as almas do inferno
Mas arranjo p'ró inverno
Inda me sobra p'ró verão.

(com ar de admiração)

Olha, também mandam pão!
Não é branco, é branquíssimo...
Tudo é bom que Deus aceite.
E mais dois litros de azeite
P'rá lanterna do Santíssimo!

Olha, aqui vem tudo junto.
Nem sei como não desmaio!
Toucinho, chouriço e paio,
Um pedaço de presunto
E as orelhas do defunto...

(agradecido)

Oh! Deus soberano e bendito,
Que me dás arte p'rá cura,
Que trazos tanta fartura
Que quase não acredito!

(orgulhoso)

E ainda o que é mais bonito,
É que a minha inteligência,
Como acho poucas iguais,
Me faz ganhar muito mais
Do que os homens da ciência.

(enquanto fala uma velha surge à porta de entrada com ar humilde)

Velha (entrando)

Senhor mestre, dá licença ?
É o senhor curandeiro ?
Diz que não leva dinheiro...
Aceite esta recompensa,
Já que tratou da doença
Do meu desgraçado irmão
Que já lá foi no caixão;
Ficar devendo essa ofensa.
De Deus a bondade imensa
Lhe dará a salvação,

(Vai retirando, um a um, diversos embrulhos e um garrafão)

- Tome lá um garrafão
Com cinco litros de azeite.
Quero que o senhor aceite
Em prova de gratidão;
Mais um saquinho de grão;
Foi o que pude arranjar.
O azeite é p'ró altar
E os grãos são p'ró S. Romão,
P'ra me livrar de algum cão
Danado que me apareça,
E p'ra que não me aconteça
O mesmo que ao meu irmão.

CURANDEIRO (untando)

Ai como Deus lhe agradece !
Se a senhora compreendesse
P'ra que mais lhe agradecesse
Talvez ainda mais trouxesse.
- Porque Deus tudo merece
E a divina providência.
Mas dos homens da ciência
O próprio Deus se aborrece,

(a velha sai humilde e agradecida)

CURANDEIRO (não ocultando a sua satisfação)

Bendito seja este povo,
Bendita seja esta gente,
Que do primitivo é crente
P'ra descrever do que há de novo.

Já não sei onde hei-de pôr
Tantas coisas que me oferecem.
- Ai se os Doutores soubessem
Quanto ganha este Doutor!...

(Sai, carregado de embrulhos que vai guardar noutra dependência)

(Surge à porta de entrada um novo personagem)

UM PAI AGRADECIDO (interrogativo e logo desconsolado)

Senhor Mestre... posso entrar?
Mas não está...Ai, Senhor!...

CURANDEIRO (voltando apressado e amável)

Não saí, faça favor.
Tem aqui o seu lugar

PAI (Apresentando as oferendas que traz)

Senhor Mestre, creia em mim,
Foi tal qual me está ouvindo.
Tudo isto andei pedindo,
A promessa foi assim

- E quando o mal tiver fim
O meu filhinho, a Deus querer,
Não há-de ser tão ruim
Que não venha agradecer.

-4-

CURANDEIRO

Olhe, sabe-me dizer ?...

PAI

Pergunte, que lhe direi.

CURANDEIRO (mostrando-se interessado)

Ele já deixou esquecer
As rezas que lhe ensinei ?

PAI

Não, até eu já as sei.
Ambos sabemos como é.

CURANDEIRO (convvincente)

P'rá cura é preciso fé.

PAI

Nós cumprimos o dever.

CURANDEIRO

Assim é que tem que ser,
Não sendo assim nada é.

(e logo satisfeito)

Vai tudo às mil maravilhas,
Como é bonito cumprir.
- Quando cá tornar a vir
Logo lhe entrego as vasilhas

Mãe)

PAI (despedindo-se e saindo)

Bom, então vou descansar.
Segui os conselhos seus.
Senhor Mestre. Adeus! Adeus!
Adeus e muito obrigado.

CURANDEIRO (não disfarçando seu orgulho)

Não recebo capitais,
Desde que sou curandeiro,
Mas têm-me dado mais
Que se levasse dinheiro.

Bem sei que sou invejado
Pelos que estudam ciência,
Mas têm de ter paciência,
Isto também foi estudado.

(Mal acaba de dizer isto, aparece em cena, vindo da porta de entrada,
um jovem de caráter excessivamente pálido e com um rictus de sofrimento)

DOENTE (entrando)

Senhor Mestre, ouvi dizer
Que o Senhor sabe tratar.
Estru farto de padecer,
Venho aqui pra me curar.
Creia, não há-de perder
Se me conseguir salvar.

CURANDEIRO (sério, afetando superioridade)

Nada quero do doente
Pra fins ou efeitos meus.
O que recebo é pra Deus
O meu mestre onipotente.

Diga-me lá o que sente.

DOENTE

Senhor Mestre, eu sinto dores
Na barriga, uns fervores...
E a soltura é permanente.

M)

CURANDEIRO (persuasivo)

Vou curá-lo de repente.
Com um emplastro no umbigo,
E as orações que lhe digno
Já se salvou muita gente.
Por meio da minha oração
Deus com a sua virtude
Tira o mal, põe a saúde
E o doente fica sã.

Sou pessoa sabedora
P'ra emplastrar e benzer,
E o resto Nossa Senhora
Se encarrega de fazer.

(com gestos de benzer)

Satanás, és um ladrão,
Retira-te, Satanás,
Do corpo deste rapaz,
E nunca mais voltarás
Depois da minha oração.

(faz sinal para o doente se aproximar)

Chegue-se cá, meu amigo,
Se acaso curar se quer,
E vá dizendo comigo
Tudo aquilo que eu disser.

CURANDEIRO

(em tom solene, concentrando-se e o doente repetindo)

Deus me ponha a sua mão
Para eu ser abençoado
E poder ficar curado
Dos males do coração.
A cripe ou constipação,
Ou a espilhela caída,
Ou qualquer coisa parecida
Dos males que as bruxas dão.

-Que cure a dor de barriga
Que me ataca os intestinos,
Que me livre de lombrigas
Desses bichos assassinos...
Que os seus poderes divinos
Me tirem todo o nervoso,
Que eu não morra tinoço
E nem de asma atacado;
Que não esteja desmanchado,
- E p'ra cura ser radical
E pôr-me em pé mais depressa,
Eu ofereço uma promessa
Para o sobrenatural.
Que Deus não me leva a mal
Se a oferta demorar,
Que não lha possa levar
Sem que me cure primeiro.
Por isso lha mando dar
Pelo Mestre curandeiro
Que de mim está a tratar.

CURANDEIRO

(pondo a mão nas costas do doente e sorrindo)

Agora, meu caro amigo,
Não precisa mais que a fé.
E cumprir o que lhe digo,
Nem vinho nem água-pé.
E a promessa, claro é...
Que não esqueça... É também justo.
E isso não foi mais que um susto
Que há-de passar com certeza,
Porque o mal não tem defesa
Para o meu saber robusto.

(em tom de confiança)

Isto fica p'ra si só.
Se aprendeu a oração
Vá dizê-la à sua avó,
Mas não diga a seu irmão.

- Não lhe diga, ele não crê
Nas coisas que Deus ensina.
Gosta mais de Medicina,
Porque é ateu, já se vê.

DOENTE (ansioso)

Quando é que me ponho a pé?
Senhor, quando estarei curado?

CURANDEIRO (vago e distante)

Tem fé, amigo, tem fé,
E é já meu caminho andado!

DOENTE (apertando a barriga com as mãos)

Mas que dor desenfreada!
Ai, senhor Mestre, ai, agora...

CURANDEIRO

(precipitado vai buscar um copo com água e dando-lha faz um gesto
de quem está a benzer)

Vai tomar água benzida
E a dor vai-se logo embora.
Tome; beba, e isso passa.
Deus de nós se compadece.
Até há-de encontrar graça
Como a dor desaparece.

DOENTE (aflitíssimo)

Veja lá se se enganou
Na água ou na benzedura.
Queima tal qual a tintura
Aqui por onde passou.
Ai, ai, ai, ai, ai, que dor,
Valha-me Deus, ai Jesus!
Sinto que me falta a luz.
Ai, que terrível, que horror!

CURANDEIRO (atrapalhado)

Mas... ó senhor, veja lá.
Não me transtorne a cabeça.
Qualquer coisa que aconteça
Não diga que esteve cá.

Será melhor ir, vá, vá,
P'ra sua casa depressa.

DOENTE (deixando-se cair numa cadeira)

Mas olha que coisa essa,
Eu não posso sair já.

(torcendo-se com dores e gritando)

Ai que dêr forte, ai que eu morro!
Eu não posso mais! Socorro!!

(Foge o curandeiro. Entram três mulheres do povo aclamadas pelos gritos. Burburinho. Uma delas percorre a casa, inútilmente, procurando o curandeiro)

1ª. VIZINHA (sem saber o que fazer dirige-se ao doente)

O que foi que aconteceu?
Mas deu-se alguma desgraça?
Diga o que quer que se faça.
E o Mestre?

DOENTE (falando a custo)
Desapareceu.

2ª. VIZINHA (vinho de procurar o curandeiro)

Onde foi que se meteu?
Não está p'ra tirar-lhe a dôr,
Não se encontra em todo o prédio.
Se não há outro remédio,
Vou já chamar o Doutor.

(sai apressadamente)

3ª. VIZINHA (falando com a 1ª.)

Não conhece o rapazinho?
O pai já morreu, contado,
Tinha loja de calçado
Além em baixo, ao cantinho.

1ª. VIZINHA

Ah! já sei, já sei quem são.
Sim, o velhote morreu,
Mas do doente, o irmão,
É um descrente, um ateu.

Olha se isto aconteceu,
Não sei se diga... mas diga!
Talvez já fosse castigo
Que este p'lo outro sofreu.

3ª. VIZINHA

Sim, sim, o mesmo digo eu.
É herege e de má fama.
É sentença que Deus deu:
Faz a cepa e paga a rama.

2ª. VIZINHA (entrando com o Doutor)

Curandeiros um só temos,
E ele curava esta dor,
Como não está, resolvemos
Chamar o senhor Doutor.

DOENTE (Procurando impor silêncio)

Calem-se, façam favor!

MÉDICO (dirigindo-se ao doente)

Então é este o doente ?

DOENTE (abatido)

Sim, senhor Doutor, sou eu.

MÉDICO

Diga-me lá, o que sente ?
Como foi que aconteceu ?

DOENTE

Foi uma dôr que me deu
Na barriga de repente.

MÉDICO (curvando-se para o doente)

Diga-me lá o lugar
Onde dói, não tenha medo.
Aqui onde tenho o dedo ?
Diga se a dôr aumentar.

DOENTE

Aí ! Aí ! devagar.
Senhor Doutor, é aí !

MÉDICO

Pronto, pronto, compreendi,
não o torno a maguar.

Vamos, tem tido soltura ?

DOENTE

Muita, sim, senhor Doutor,
E às vezes sinto um calor...

MÉDICO

Natural, é temperatura.

Recorda-se por ventura
Dalgum comer, bom ou mau,
Antes da dôr aparecer ?

DOENTE

Senhor Doutor, nessa altura
Comi eu um bacalhau
Que não puderam comer.
E então comi com fartura.
(tornando a queixar-se)

Mas ainda não passou,
Doutor, a dôr não mais finda.
Cada vez doi mais ainda
Aqui onde me tocou.

3ª. VIZINHA

Lembras digo eu que são .

1ª. VIZINHA

Pois eu digo outra doença:
Foi gripe que ele apanhou.

MÉDICO (dirigindo-se à vizinha que não disse
se nada)

Falta a sua opinião...

2ª. VIZINHA

Quem sabe é vossa encclência.

MÉDICO

Pois foi você que acertou,
Talvez seja como pensa.

(preparando uma injeção para o doente)

Vá lá descobrindo o braço.

DOENTE (assustado)

Mas, Doutor, vai-me picar ?

MÉDICO

Sim. Não se deve assustar,
Creia que mal não lhe faço.

(injecta o doente)

Agora pouco comer.

Uns caldinhos de galinha

E até mesmo de farinha

Se doutro não puder ser.

(começa a passar a receita)

O que lhe vou receitar

Talvez lhe traga melhoras:

Umas hostias p'ra tomar

De duas em duas horas.

(dirigindo-se às vizinhas com a
receita)

Quem é que o recado faz?

2ª. VIZINHA

Eu, e o dinheiro quem dá?

MÉDICO

Deixe isso. Diga ao rapaz

Que eu depois passo por lá

(ao sair)

Basta mandar-me um aviso

Porque já sei onde moras.

... Eu depois volto por cá.

Adeus. Estimo as melhoras.

1ª. VIZINHA

Mas a dôr já lhe passou?
Desapareceu por encanto!?
Sim, foi Deus que lhe ajudou.
Um homem só não faz tanto.

3ª. VIZINHA

Mas a dôr desapareceu?
Onde estão as suas dores?!
Sim, foi Deus que lhe valeu.
Quais Doutores, nem Doutores!...

1ª. VIZINHA

Nem com panos de vinagre.
Nem depois de se benzer.
Isto é coisa de milagre.
Do Doutor pode lá ser!

3ª. VIZINHA (encolhendo os ombros)

Eu cá da minha não passo:
Olhe cá da minha não passo:
Olhe, vizinha Maria
A tal picada no braço
Não passou duma heresia.

DOENTE (levantando-se)

Não façam tantas censuras.
Não vêem que estou melhor,
E com as tais benzeduras
Ia de mal a pior?

IRMÃO DO DOENTE (entrando)

Quem foi que te encaminhou
P'ra aqui ? Quem é que aqui mora?

Mn/

DOENTE (procurando desculpar-se)

Era uma dôr, já passou;
O Doutor saiu agora

(entre receosas e atrapalhadas as visitas
saem furtivamente)

IRMÃO (represivo)

Não sabes o que fizeste..

Já me disseram lá fora

A pessoa que aqui mora

E o fim p'ra que cá vieste.

(aconselha)

Querido irmão, és muito novo

Se o mundo assim continua

A culpa é minha e é tua

Porque nós somos o povo.

- E o povo a crer na mentira

Dorme num sono profundo,

Sofre um pesadelo eterno,

Que faz com que ele prefira

O inferno deste mundo

Por medo desse outro inferno.

Fingem-se ao bem dedicados

Muitos como os curandeiros,

P'ra não os vermos estranhos

Porque os lobos disfarçados

Com as peles de cordeiros

Melhor destroem rebanhos.

Quando a verdade os aterra

Querem a moral pregar,

Prometendo no céu dar

O que nos roubaram na terra

O mundo está na infância,

E adulto só pode ser

Quando desaparecer

Do povo a ignorância.

Mo/

FIM



D.S.P.
R.P.L.

Programas com composição

FOLHA DE PRESENÇAS

Título do programa

Miniteatro - "Auto do Curandeiro"

N.º/R.P.L. 320

N.º S.P.P.

Episódio N.º

Datas

da gravação 23 de Abril de 1972 às 11.00 horas.
da 1.ª emissão 28 de Abril de 1972 Programa 1.ª-13.15h

Director artístico

José Viana José Viana

ELENCO DO PROGRAMA

Nome dos artistas ou vozes	Figuras	Rubrica dos intérpretes
José Viana	Curandeiro	José Viana
Leónia Mendes	Velha	Leónia Mendes
Dama Silva	Pai agradecido	Dama Silva
Carlos Ivo	Docente	Carlos Ivo
Adelaide João	1.ª Vizinha	Adelaide João
Maria Albergaria	2.ª Vizinha	Maria Albergaria
Dalila Rocha	3.ª Vizinha	Dalila Rocha
Caetano e Castro	Médico	Caetano e Castro
Leandro Belo Fernando Oliveira	Luís do docente	Leandro Belo Fernando Oliveira

Pessoal da Emissora Nacional

Produtor

Luís Leifão

Locutor

Captação

Gravação

Berto Félix

Visto do Chefe da S.P.P.

Lisboa, de

de 196